



JUNCO OU NAVIO CHINA DE GUERRA

O REMATE da desavença entre a China e a Inglaterra, ou para melhor dizer entre o imperador chim, mandarins e seus apaniguados, e as forças que para os constranger enviou o governo britannico, não podia ser duvidoso para quem tivesse alguns conhecimentos geographicos e historicos: pessoas houve, despidas de prevenções, que logo o anteveram: a victoria devia caber aos inglezes. De toda a gente, quem menos o podia duvidar era a nação portugueza, que não deve deslembrar-se das façanhas de seus maiores nas regiões da Asia: pertencendo talvez mais avantajada gloria a elles que aos modernos que lá tem pelejado; e explicaremos o nosso dito. — Se a China é o theatro da guerra; os chins não estão mais adiantados na manobra militar, e na construcção das armas de fogo, do que no tempo em que imploraram o nosso auxilio para lhes alimparmos de piratas as costas maritimas, serviço a que devemos a concessão para o estabelecimento em Macáu: porem os europeus tem feito nas armas, e na strategia, notaveis progressos, que manifestam assombrosa superioridade, e por consequencia asseguram prosperos os resultados. — Se a India é o campo dos combates, hoje não ha lá turcos e rumes tão experimentados e peritos na arte bellica, como acharam os nossos antepassados que os iam rebater e expulsar. — Portanto concluimos que á na-

ção portugueza não põe espanto o desfecho da luta entre chins e inglezes; a qual apesar de travada em tão remotos climas tem por suas consequencias commerciaes enlevado a attenção dos politicos e economistas da Europa.

Lancemos os olhos para a figura de um navio de guerra chim, examinemos a construcção do casco, consideremos na acção de suas velas geralmente fabricadas de esteira, na imperfeição dos aparelhos, na covardia e falta de patriotismo dos mareantes e defensores, na orgulhosa ignorancia dos que os capitaneam, e ficaremos convencidos de que com elementos taes não podia o *imperio celestial* depositar grande confiança em sua armada; e os factos demonstraram que, na hora do accommettimento, vão era o apparatus de anticipado triumpho, cobrindo-se, como usam, de infinitas bandeiras e flamulas multicôres. Pelo que respeita ao exercito em terra, á excepção de poucas tropas tartaras de legitima casta, é tudo um bando sem verdadeira organização militar e pouco interessado na defeza dos proprios láres, ou daquelles de seus compatricios. — As gazetas tem relatado a tomada de praças importantes do imperio e o desbarato das tropas chins pela divisão expedicionaria britannica; e no principio da campanha deu-se uma batalha naval, que os mesmos papeis politicos igualmente narraram pe-

lo miudo. Elliot commandava sómente duas fragatas a 5 de novembro de 1839, quando o accometteram trinta embarcações chinas com mais de quatro mil homens a bordo: não durou meia hora a acção, e seis navios chins foram mettidos a pique, e outros ficaram desarvorados, fugindo o restante da frota *celestial* com grande precipitação e em absoluta desordem.

BEM QUERER E MAL FAZER.

(Memorias insulanas.)

= 1531 =

III

É teima!

Quem porfia mata caça.  
Rifão do povo.

«Não sei que máu presentimento me assalta o coração, presada irmã. Cuido que esta minha condescendencia me será de infeliz succedimento.

«E porque o cuidas, irmã? Acaso tens que receiar? Não, não debes faltar já agora que prometteste e que anciosamente és esperada.

«Bem sabes tu, Agueda, como eu quiz evitar este empenho... Não sei... como que advinho algum desastre.

«Desastre! — que desastre? Não é a tua vida para vivê-la assim reclusa. De mais tens fugido ao mundo...

«Não, de mais, minha irmã, mórmente ha dois annos para cá. Que se terá dito de mim? como terão interpretado o meu procedimento?

«Como de quem é tão honesta e animosa dama. Todos culparam o excesso e máu passo de Antonio da Camara; e elle mesmo justificou o que d'elle se dizia, e fez justiça a si mesmo, partindo para o reino. Por lá anda elle já a estas horas bem esquecido seguramente de sua loucura e temeridade.

«Todavia fallou-se, e fui eu assumpto de palestras e serões, nem sempre mui caridosos...

«Bagatellas já passadas. Vamos, minha irmã, os nossos parentes e amigos sem duvida se impacientam, e — vês? — até o teu escudeiro, Fernam, lá está fóra a menear-se como um possesso, fallando com os demais, que o ouvem de boca aberta. São seguramente conjecturas que faz sobre a nossa demora. Vem, minha irmã, é mister distrahir-te: vem.

Dois annos eram passados, como o leitor já terá visto. Antonio da Camara, ou fosse convicção de erro, ou considerações de animo repousado, ou emfim arrependimento e pejo, tinha deixado a ilha e partido para Lisboa, aonde corria fama que se conservava ainda. O dialogo das duas irmãs versava pois sobre o irem ao baptisado de um parente que vivia na Calheta. Recusava-se D. Isabel como quem tão costumada estava ao seu bom retiro. Instava D. Agueda, como quem tão louvavel desejo tinha de a ver alegre e folgada. D. Isabel cedeu por fim aos rogos da irmã, e com ella se desceu, ataviada em som de festa, ao pateo, de que já fallamos, aonde a esperava um luzido cortejo de parentes e servos seus.

Lá estava tambem o nosso antigo conhecido Fernam, que não faltava por estas occasiões solemnes,

analizando, commentando e provando o sabido e por saber, tudo mui confidencialmente... a quantos encontrava.

Era nas primeiras horas de um dia mui formoso. — Cavalgaram as duas damas em mullas cobertas de gualdrapas de grande custo, e seguidas por seus parentes, e por poucos mas escolhidos escudeiros, deram a andar por aquelles campos aménos.

Na passagem das terras da Lombada do Arco para a Calheta era força passar pelas da Lombada da serra d'agua, herdade e vivenda de Antonio da Camara. De preferencia tomára D. Isabel outro caminho que á vista da morada do homem, cujo nome lhe recordava a penosa impressão d'uma scena que nunca ella esquecêra; mas não havia meio de faze-lo. Cumpria passar junto da Lombada da serra d'agua, ou renunciar a fazer sua visita.

Chegára a luzida companhia a um viso (1) ou portella, d'onde se descobria grande porção de terreno. — Á esquerda, no declive do serro que iam descer, ficavam sobre um pequeno combro as casas da Lombada da serra d'agua, meias encravadas em densas e espessas mattas que se estendiam lá para longe, e como encostadas a outro cabeço mais alto, mui abundante em fontes e cascatas naturaes, donde á herdade viera o nome. Ao ver aquella morada, d'onde nenhum rumor sabia, muda e abandonada, triste e como saudosa de seu senhor, que lá pelo reino se andava á maneira de desterrado, sentiu D. Isabel comprimir-se-lhe o coração. Apesar de tão virtuosa e varonil, era mulher, e que mulher ha abi que não chegue a perdoar erros d'amor, e, ao cabo, a compadecer-se de quem por taes erros padece? Tinham passado as casas silenciosas, alvejando melancolicamente entre a macissa verdura, e eram entrados n'uma funda rodeira (2), guarneçada d'um lado por uns barrancos cheios de balseiras e silvados, e do outro pelas mattas de que acima fallamos. Lá pelo meio desta rodeira um homem estava parado. Tinha a fronte descoberta, ondeando-lhe os cabellos negros e luzidios em roda das faces gentis, mas queimadas. Batia-lhe o sol de chapa sem que elle parecesse sentir-lhe o ardor. Tinha os dentes cerrados com força, alvejando-lhe a travez dos labios semi-abertos, as feições contrahidas, e o peito anciado como por algum grande temor ou esperanza. Dissera-se que a face da sua vida ia mudar, tamanha era e tão visivel a sua agitação. Vestia desalinhadamente, e as peças mais notaveis no todo do seu trajar eram uma boa couraça de Milão, e uma forte espada pendente ao lado, segura por um cinto de couro guarnecido de chaparia de ferro, ao qual estava tambem presa uma comprida adaga de punho singelo mas valente. Á primeira vista ninguém julgaria acompanhada a estranha personagem que descrevemos, mas quem melhor reparasse no continuo mecher e remecher da folhagem da matta, e sobretudo no subito apparecimento de algumas cabeças espreitando por entre as arvores, e guarneçadas de luzentes morriões, para logo concluiria que andava por alli sorpresa, ou ardil tramado por muitos.

Entretidos em sua conversa, e muito mais por causa d'um desvio, não deram os nossos caminbantes pelo ameaçador aspecto do homem que lá estava no caminho, se não quando proximos d'elle chegaram. Um grito geral de espanto, se não de te-

(1) Cume, logar eminente.

(2) Carril, caminho para carro.

mor, sahiu então de todas as bocas ao dar por elle.

Era Antonio Gonçalves da Camara.

Com olhos irosos mediu por algum tempo as duas irmãs e a sua commitiva que, parados e espantados todos, tinha ante si, saboreando o prazer de os ver assim embaraçados com sua presença. Passado o primeiro instante d'assombro os cavalleiros, parentes de D. Isabel, ainda que quasi desarmados, tomaram a dianteira e arrancaram para Antonio da Camara, que nem um passo se arredou. Fôra desigual o partido para este, se ao mesmo tempo, grande copia de homens armados de todo o ponto, sahindo da matta e enfileirando-se atraz do senhor da Lombada da serra d'agua, não o tornassem assim para os de D. Isabel.

Orgulhoso e arrogante adiantou-se então Antonio da Camara, e pondo-se immovel com os braços cruzados diante de D. Isabel, que nem neste extremo sentira soçobrar-lhe o animo, bradou com voz abalada de raiva e de amor:

«Parecia-vos a vós, senhora prima, que nunca mais nos veriamos? Pensáreis ter-me burlado e zombado a vosso sabor, sem que mais nossos rostos e vistas se encontrassem? Olhai bem para mim. — Quem é agora aqui o mais poderoso. Não, minha prima, não se dirá de Antonio da Camara que uma mulher o venceu em animo e astucia. Dois annos são já andados. — Julgáreis que tão pouco era mister para abafar o amor e a raiva que me faziam guerra no coração? Não, senhora. Nestes dois annos não houve dia em que eu não dissesse: «silencio, meus offendidos brios, silencio, meus ultrajados affectos, silencio, minha alma tão ardente, vossa hora hade chegar-vos tambem;» e a cada momento que passava eu sentia o sangue ferver-me cada vez mais impaciente, que o fim, o tão desejado termo, que eu proprio assignára aos meus projectos, se ia passo a passo aproximando. Ei-lo chegado a final. Tive noutes, sem somno, pensando no publico ultrage que de vós recebi, tive dias e mezes de amargura e desespero, lembrando-me que não ereis um homem a quem podesse ir pedir contas da minha injuria, lavando com o seu sangue a nodoa da minha face.

«Nodoa só vo-la fará o que ides sem duvida praticar.

«Escutai-me, senhora prima, que tambem me chegou a minha vez de pedir-vos que me escuteis. Tive momentos de fraqueza, em que julguei a morte o caminho unico para sahir de tão apurado tranço, mas por fim a mim mesmo me venci, e acabei comigo em vingar-me, pelo modo com que hoje o farei. Crêstes que nunca voltaria. — Voltei, sem que o suspeitasseis. — Eis-me aqui, e assim como de vossa casa sahi á força, sem armas para me defender, assim entrareis vós para a minha sem escudeiros para vos guardarem. Então ereis vós a forte, a bem defendida, e eu o trajado de festa e sem defeza. — Hoje, senhora prima — bem o vedes — é de todo o ponto o contrario, sois vós a indefeza e eu o poderoso.

Dizendo, com uma das mãos levou da fiel espada, e com a outra travou das redeas da mulla em que D. Isabel cavalgava, arremettendo com os escudeiros e cavalleiros desta, que apesar de muito menos em numero e faltos de armas sufficientes, já se achavam dispostos a perder as vidas em defeza da illustre viuva. Seguiam a Antonio da Camara todos os seus bem armados e contentes pela des-

forra que iam ter. — De uma e outra parte havia emulações excitadas, raivas e odios accordados, o resultado devia portanto ser sanguento e terrivel, mórmente para os de D. Isabel, se a varonil senhora, com um gesto imperioso e significativo, não fizesse abrir passagem ao seu inesperado conductor, que atravessou por entre elles estupefactos, com gesto ameaçador, arrogante e decidido, seguido pelos da sua facção a sussurrarem pragas mal disfarçadas. O numero e as armas destes não menos que o mandado de D. Isabel influu na prompta obediencia dos seus servos e amigos.

Verdade, verdade, em todos os tempos a morte foi negra.

E era o que pensava o verboso escudeiro, Fernam; em quanto Antonio da Camara tomava ufano o caminho de suas casas, com a preciosa preta; D. Agueda se lastimava; e os demais se esbravejavam. Com o modo encolhido e envergonhado de um homem, que julgando-se um Ajax, acha por fim que não passa d'um Tersithes, Fernam murmurou lá comsigo:

«Por esta não esperava eu!»

[Continuar-se-ha.]

## Philologia.

### OBSERVAÇÕES GRAMMATICAS.

UMA das muitas vantagens das polygraphias, do genero do Panorama, é de servir de armazem, em que cada um possa depositar as idéas que lhe occorrerem, e cuja publicação, parecendo-lhe poder ser util, seria impraticavel por outro modo; já por serem idéas destacadas, já porque sendo em pequeno numero não podem formar um corpo de doutrina.

Isto é o que nos acontece com as idéas soltas que desejaríamos communicar ao publico, para serem por elle julgadas, e, no caso de o merecerem, elaboradas pelos mestres da arte; a fim de servirem algum dia a formar a tão desejada grammatica philosophica da lingua portugueza.

Já no N.º 53 do Panorama offerecemos aos nossos compatriotas as tres regras que nos parecem sufficientes para se conseguir entre nós uma orthographia uniforme e fundada em principios de boa razão.

Não quizemos dizer, que aquellas regras possam servir a todo o mundo: pois que nem todos sabem se tal ou tal palavra é geralmente escripta de um modo uniforme por todos os auctores distinctos; nem todos sabem applicar-lhe a regra da analogia; e menos ainda marcar qual seja a sua etymologia.

A nossa mente é, que se os homens doutos adoptarem estas tres regras e as seguirem, na mesma ordem em que as propomos, dentro em mui pouco tempo se estabelecerá entre elles uma orthographia uniforme, e á sua imitação entre as pessoas que não tendo aãssaz conhecimentos para fazer um uso acertado daquellas, nem de outras nenhuma regras, só lhes cumpre seguir o exemplo dos primeiros.

Hoje daremos algumas definições que ou faltam nas grammaticas, ou são tão inexactas que só podem servir para corromper as noções elementares da sciencia.

As linguas constam de phrases, estas de palavras, as palavras de syllabas, e as syllabas de sons a que correspondem na escripta certas letras.

Seria bom que a cada som correspondesse uma só letra, e que a cada letra não correspondesse senão um unico som.

Não acontece porem assim em nenhuma das linguas que conhecemos.

Alem disso ha muitos mais sons do que letras; e, mesmo nas mais pequenas nações, a pronuncia de cada palavra varia quasi tanto como nellas ha não só de provincias ou de commarcas, mas de bairros e de classes de cidadãos em uma mesma cidade.

Os sons de que se compõe a falla humana distinguem-se pelos órgãos da voz que concorrem para a sua formação.

São estes órgãos — a garganta, o paladar, as gengives ou maxillas, os dentes, os beiços ou labios, e, combinando-se com cada um delles, a lingua.

O complexo de todos estes órgãos parciaes constitue o *orgão geral* da falla.

Aos sons que provém do orgão geral, sem um concurso especial de nenhum dos órgãos parciaes, da-se-lhes o epitheto de *vogaes*.

Aquelles, em cuja producção se faz sentir a acção especial d'algum dos órgãos particulares, da-se-lhes o epitheto de *consoantes*.

Aos *sons vogaes* correspondem as *letras vogaes* a, e, i, o, u, y, ou ó.

Quando, ao emitir um som vogal comprimimos as fossas nasaes, de modo que o ar expellido só passe pela boca e não pelo nariz, da-se-lhes o epitheto de *nasaes*, taes são, am, an, ã, em, en, im, in, om, on, õ, um, un, ym, yn.

Aos *sons consoantes* correspondem as *letras consoantes* —

g, c, k, q *guturales*; porque o grimeiro orgão parcial, a garganta, concorre especialmente para a sua producção.

lh, nh	} <i>Palatinas</i> : orgão especial o paladar.
ch, j, x	
z, s, c, ou ç	} <i>Maxillares</i> : orgão especial as gengives.
n, l, r, rh ou rr	
d, t	

p, m, b — *Labiaes*: orgão especial os labios.

f, v — *Labio-dentaes*: orgãos especiaes os labios e os dentes.

O som vogal póde ser mais ou menos agudo, mais ou menos mudo.

Dá-se pois a nome de *diphthongo* ao som composto de dois sons vogaes, um agudo e o outro mudo, taes são: — ae, ai, ao, au, ay

ei, eo, eu, ey

iu

oe, oi, (•) oy

ui, uy

ãe, ãi, ão, am

eim, ein, em

õe, õi.

Os diphthongos distinguem-se em *perfeitos* e *imperfeitos*.

São *perfeitos* aquelles em que o som *vogal agudo* se destaca fortemente do outro som *vogal mudo*: exemplos: *subiu, riu, rio, andarão*.

São *imperfeitos* aquelles em que o primeiro som é quasi tão mudo como o segundo: exemplos: *dubio, atrio, andaram*.

Podem, alem disto, ser os sons compostos de dois ou mais sons consoantes com um som vogal simples ou diphthongo, taes como —

(•) Este mesmo som exprime-se muitas vezes assim; ou.

bda, bde & cl	....	dr, fl, gl, mu
bl	cn	fr, gn
br	cr	gr
	ct	
ns, pl	sc	tl
pn		tr
pr		

Chama-se *syllaba* a todo o som vogal só, bem como o que é seguido, precedido, ou seguido e precedido de sons consoantes, simples ou compostos. N'uma palavra composta de mais de um som vogal simples ou diphthongo, ha tantas *syllabas*, quantas são as suas vogaes, e cada *syllaba* consta da sua vogal, da consoante simples ou composta que a precede; e tambem da que se lhe segue, se não houver depois outra vogal; porque, havendo-a, pertence-lhe a consoante que a precede.

Silvestre Pinheiro Ferreira.



PEDRO NUNES.

A EFFIGIE de varão tão insigne nas sciencias, como foi o famoso mestre de dois homens merecidamente celebres, o infante D. Luiz filho de D. Manuel, e o vice-rei da India D. João de Castro, requeria tanta informação de sua biographia e profundos escriptos, por isso que a notoriedade de seu nome em toda a Europa é um brasão portuguez, apregoado pelos sabios mais distinctos, d'entre os quaes, por via d'exemplo, citaremos só dois: — Montucla, *Histoire des Mathem.* tom. 1.º part. 3.ª liv. 3.º; Bailly, *Histoire de l'Astronom. mod.* tom. 1.º pag. 368 e 370. — Eseaças são porem as particularidades sabidas de sua vida publica e domestica; e por outro lado, para tratar fundamentalmente do merito de cada uma de suas obras, do valor que tem em relação á epocha do escriptor, e da influencia que tiveram no futuro desenvolvimento e progresso da sciencia, era mister tecer uma dissertação, alheia do intuito do nosso jornal, superior ao cabedal de nossos conhecimentos, e porventura inutil e enfadonha para o maximo numero de leitores. — Alem

de que, quanto aos homens de mediocre instrução convem saber tocante ao illustre portuguez, Pedro Nunes, fica expendido em dois artigos, assim mesmo nada breves, a pag. 174 e 178 do vol. 5.º da Serie 1.ª deste nosso semanario. Bem quizemos então acompanhar a noticia com o retrato de Nunes, mas não podendo have-lo satisfizemo-nos com a menção das obras, e os apontamentos mais certos da vida daquelle que temos por titulo reconhecido da gloria da patria. Agora, possuidores do transumpto, que na precedente gravura reproduzimos, tambem nos limitámos a commemorar novamente o nome do grande mathematico portuguez. A quem mais desveladamente pesquisar o amago de substancial doutrina, que este raro engenho derramou por seus livros, forçoso é folhea-los e medita-los; os que tão sómente quizerem conhecer as materias de que elles tratam, e qual é a sua transcendencia e importancia, consultem um escripto de outro portuguez, [nosso contemporaneo e tambem por sciencia afamado]: *Ensaio historico sobre a origem e progressos das Mathematicas em Portugal*, dado á luz em París por Francisco de Borja Garção Stockler, que morreu barão da Villa da Praia. Este sabio diz ahi, a pag. 29, que Pedro Nunes é o «... geometra maior que as Hespanhas tem produzido, e incontestavelmente um dos maiores que no seculo 16.º floresceram na Europa.

Concluiremos com um extracto do mesmo *Ensaio*, porque o crêmos de summa importancia.—«É nesta obra tambem [falla do tratado dos crepusculos] que o nosso geometra deu pela primeira vez a idéa de uma elegantissima divisão ou gradação do astrolabio, por meio da qual se podem avaliar as alturas e distancias dos astros até minutos e segundos, ainda que no limbo do instrumento se não achem marcados mais que os gráus; divisão que admite uma simplificação assaz obvia e com a qual ainda se usa nas alidades de todos os instrumentos astronomicos, que servem para medir distancias angulares. Se o auctor desta simplificação foi o mesmo Pedro Nunes ou Pedro Vernier, que pela primeira vez a publicou por escripto em 1631, é questão que admite argumentos por uma e outra parte: o que porem de nenhuma sorte se póde contestar é que até ha bem poucos annos não havia um só livro de astronomia, nem um só instrumento astronomico, em que esta divisão tivesse outro nome senão o de *Nonius*, derivado do appellido Nunes do nosso geometra; e que ainda quando Vernier fosse sem duvida o inventor da simplificação mencionada, não havia rasão bastante para alguns astronomicos modernos pertenderem mudar-lhe o nome de *Nonius* em o de *Verdier*; quando a primeira idéa de avaliar as partes menores das marcadas na gradação dos instrumentos é indubitavelmente devida a Pedro Nunes, e mil vezes mais engenhosa do que a segunda, que daquelle se deriva com extrema facilidade.

## USOS E COSTUMES DE POVOS.

### RECENTES OBSERVAÇÕES N'UM DOMINGO EM LONDRES.

Um observador perspicaz, e de agudo engenho, ao mesmo tempo escriptor facil e ameno, contou ao publico, ha dois annos, as anecdotas, que da linguagem franceza trasladámos agora.

Tinha eu ás oito horas ouvido missa, segundo o

meu rito, e cumprido este dever religioso assentei boamente que podia, como nos dias anteriores e não obstante ser domingo, proseguir nos habitos a que estou costumado todas as manhãs. Encaminei-me ao botequim, dito Verrey, para almoçar; pasmei de achar a porta ainda fechada, bati; abriu-se uma gretinha desconfiadamente e com mysterio e perguntaram.—Que quer o senhor?..—Essa é boa! Quero almoçar...—Não póde ser, senhor; é exactamente a hora do sermão.—Será para a vossa pessoa; mas eu que já ouvi missa estou liberto, e creio que posso almoçar...—Será onde vos aprouver menos nesta casa: dai-me licença de cerrar a porta, porque se a vissem assim mal aberta teria de pagar uma enorme multa.—E a porta fechou-se.

Ora faça-se idéa da tolerancia anglicana sabendo-se que quando o pastor protestante préga o seu sermão, todos os catholicos, judeus, scismaticos, e musulmanos, estão obrigados, para almoçarem, a esperar pacientemente que se acabe a prégação, com a qual nada teem, nem lhes importa.

Passeava eu pela rua, via todas as portas absolutamente fechadas, edificava-me a observancia unanime da solemnidade do domingo: acertou de passar um *radical* do meu conhecimento, e disse-me.—Não ouviu o pregão daquelle mulher que vai passando?—Ouço, mas não a entendo.—É uma vendedeira que apregôa peixe: creio que sabeis que ao domingo e á hora do sermão ninguem abrirá a porta para comprar.—Então porque perde o tempo em apregoar?—Eu explico; é porque nós *radicaes* lhe pagámos para apregoar. Guardar o domingo é cousa muito dos nossos costumes, mas accrescentaram-lhe uma coacção legal, que nós e todos os homens de bom juizo julgamos adversa á liberdade constitucional. Assim de podermos levar esta questão ao parlamento, expedimos pelas ruas alguns bufarinheiros e vendedeiras ambulantes, á espera que a policia os agarre como infractores das posturas e observancias domingueiras: se isto acontecer, os apprehendidos devem protestar, e fazer um requerimento que a opposição hade sustentar vigorosamente. Porem o ministerio, que suspeita a trapaça e quer evitar o ir a questão ás camaras, deixa apregoar como vêdes e faz-se mouco. Mas corra o tempo, que se continuar a ter os ouvidos tapados hade chegar ao rego; seguiremos pela pista os pares ecclesiasticos, e eu, que vos estou falando, sou capaz de mandar, um destes domingos, commetter á compra um salmão, ou um redovalho, ao muitissimo reverendo arcebispo de Cantuária; toma-lo-ha, e veremos se tamanho escandalo provoca ou não provoca a desejada discussão.

Finalmente, ás duas horas da tarde, Deus louvado, estavam acabados todos os sermões na amplissima cidade de Londres, e pude com effeito almoçar sem offender ao céu, nem á igreja anglicana. Á sahida do botequim fui passear a *Regent-Park*. Por ambos os lados da lameda principal, estavam a espaços armadas algumas mèsas, e do alto de cada uma dellas um individuo arengava ao troço de gente, grupada ao redor, sem que a maioria dos passeantes fizesse caso disso.—Que estão vendendo aquelles homens?—disse para o meu companheiro.—Aquelles homens nada vendem; são prégadores religiosos determinados a converter os impios, e que os não deixam, nem sequer no passeo.» Approximando-me, reconheci a verdade da resposta do meu amigo, e o que me pareceu mais

notavel foi a polemica que ás vezes se ateava entre o discursador e seus ouvintes. Não gostei disto, e retirei-me.

#### IDÉAS HISTÓRICAS SOBRE CADEIAS (\*).

«O QUE faz maior honra a alguns estados da federação americana é a reforma do código criminal, a conversão das cadeias em officinas de trabalho, e a dos criminosos em operarios uteis, que são susceptiveis de tornar a entrar no seio da sociedade depois de ter satisfeito ás condições exigidas. É o estado da *Pensilvania* quem deu o exemplo; o da *Nova-York* o seguiu, e em ultimo lugar os da *Virginia* e do *Massachusset*. Dezesete annos d' experiencia, depois do estabelecimento da cadeia de *Filadelfia*, e pouco mais ou menos doze annos quanto á de *Nova-York*, tem sido coroados com os mais felizes resultados.

«A legislatura da *Pensilvania* aboliu a pena de morte para todo o crime, excepto para o assassinio no primeiro gráu. A de *Nova-York* comprehendeu nesta excepção os falsarios, e os falsificadores de moedas. O objecto do castigo é a emenda do criminoso procurando por todos os meios proprios trazer-lo ao pesar, ao esquecimento dos seus antigos habitos, e a fazer pelo trabalho uma reparação completa á sociedade. Para este effeito se tem imaginado diversos meios, cuja influencia sobre o moral e sobre o physico é sufficientemente conhecida pelos physiologistas, e pelos observadores do homem.

«Estes meios são — 1.º a reclusão solitaria n'um quarto, um regimen dietetico particular, e o silencio: — 2.º Depois de um certo tempo a admisión dos criminosos aos trabalhos cujas officinas estão distribuidas por classes: — 3.º A applicação felizmente calculada de certas maximas para fazer sentir ao homem a sua dignidade, e a necessidade do trabalho que importa a cada um: — 4.º A contabilidade para o rendimento deste trabalho: — 5.º A extrema regularidade nos cuidados que se referem ao accio geral e pessoal: — 6.º A ordem da comida, a do retiro e a do descanso: — 7.º O exercicio religioso.

«Far-se-ia difficultosamente uma idéa da ordem admiravel que reina nestes logares, que se reputariam antes conventos erigidos em manufacturas do que em cadeias. Tudo se acha disposto de tal modo que ha alli a maior segurança, e se previne a evasão dos condemnados. Todas as officinas estão n'uma actividade constante. Ellas são compostas de tecelões, de alfaiates, de çapateiros, de marceneiros, de torneiros, de relojoeiros, de fabricantes de pregos, de couteleiros, de serradores de marmore, e de muitos outros officios.

«Quem poderia imaginar que se conseguiu fazer observar entre os trabalhadores um silencio absoluto? Nunca gritam, nem cantam, e nem podem responder ás perguntas dos estranhos. Não lhes é concedido chamar uns aos outros, excepto por causa dos instrumentos de que tem precisão. Eu fiz a experiencia disto na fabrica dos pregos, que é a mais consideravel e a mais productora, na presença de um guarda que me acompanhava. Nenhum operario respondeu ás minhas perguntas. Alguns destes condemnados tem confessado, que quereriam antes soffrer a morte do que serem obrigados a este si-

lencio e ao trabalho. O que recusasse estar por isto, ou o que perturbasse a ordem estabelecida, seria mandado para um quarto solitario e submettido a um regimen severo, que de ordinario consiste em farinha de maiz fervida com melasso e agua; perderia alem disso a sua parte do rendimento dos trabalhos, e se lhe levariam em conta as despesas feitas durante a sua suspensão.

«As mulheres não tem communicação alguma com os homens, e o seu regimen é um pouco differente. Assentou-se não dever prohibir-lhes o fallar: ellas se occupam em cozer, em lavar, em preparar o canhamo, o linho, o algodão, em cardar, em fiar, &c.

«O rendimento dos trabalhos dos condemnados é destinado para pagar as despesas da captura e do processo, os objectos roubados, a multa em proveito do estado, o sustento, o vestido, as ferramentas, os ordenados dos empregados e a conservação da casa. O cofre do estado adianta as despesas, e muitas vezes o governo local perdoa a multa. Ha condemnados, cujo trabalho é de tal sorte productivo que podem ainda mandar dinheiro ás suas familias. Na occasião dos descontos se lhes faz conhecer o excedente liquido do producto da venda dos objectos manufacturados, depois de deduzidas as supraditas despesas.

«Agora perguntarão como é que, tratantes, scelerados cobertos de crimes, tem podido converter-se em alguns annos? Até que ponto se póde contar com as suas promessas para consentir em restituir-lhes a liberdade? Quaes são os seus abonadores para com a sociedade? Depois do conhecimento mais ou menos profundo do coração humano, não ha uma quasi certeza de que elles recahirão nos mesmos vicios? Os fundadores tem previsto todas as objecções, e a experiencia, mais forte que os raciocinios, já tem respondido em favor do novo systema.

«Resulta das listas comparativas, formadas depois das ultimas mudanças feitas no código criminal, que os crimes tem diminuido pouco mais ou menos pela ametade, e que um pequenissimo numero de criminosos tem sido condemnados em consequencia de reincidencia.»

Tal é o maravilhoso systema que aquelles governos tem adoptado, e que outros observadores como *La Rochefoucauld-Liancourt*, e *Roberto J. Turnbull* tem ampla e interessantemente descripto e confirmado. Sua utilidade está demonstrada pela experiencia, e os governos que a desprezarem cobrem-se do opprobrio mais abominavel e odioso. A leitura superficial do que levamos dito talvez excite a reflexão de que semelhantes casas devem antes ser apetevidas do que temidas. *Brissot* na sua viagem á America diz que os presos em *Filadelfia* passam tão bem, que não tem desejo nem lembrança de sahir. Porem alem de que isto é desmentido por outros observadores, quem não vê que o pão da prisão é sempre pão de dôr, que aquelle regimen é humano, mas não póde ser cobiçado, e ultimamente que o sentimento da perda da liberdade, é indelevel, e que nada o póde indemnizar? Demais a severidade da disciplina tem feito que alguns presos tenham antes querido a morte do que semelhante clausura.

São frivolas e absolutamente inattendiveis as objecções com que se tem pretendido mostrar que as cadeias da *Pensilvania* não podem servir de modelo ás da Europa, porque nesta não ha, segundo

(\*) Concluido de pag. 423 do n.º 53 desta 2.ª Serie.

dizem, as circumstancias favoraveis que ha em aquella, e são: — a raridade da miseria, o que se funda na distribuição mais igual das propriedades territoriaes; a mesma raridade dos delictos, e sua pouca variedade; a systematica constancia, a infatigavel paciencia dos *quakers*; e ultimamente a bondade e affabilidade dos carcereiros. Porem quem não vê que estas qualidades são os fructos das suas leis e instituições, e que em qualquer parte que se applicarem hão de produzir effeitos semelhantes? Na Europa os abusos, e os erros vão cedendo o campo á rasão e á justiça, e prepara-se uma epocha em que estas hão de aqui representar as scenas mais sublimes e gloriosas para a especie humana. A França, que em mais de uma cousa se tem collocado á frente da civilisação, abriu tambem na Europa o exemplo da nova reforma das cadeias. A de *Rouen*, como as demais, centro da corrupção physica e moral, foi em 1806 transformada em officina de trabalho: alli se fia o algodão, e os presos recebem lições de lèr, escrever, contar e de moral religiosa. Naquelle logar reinam a ordem, o accio, e a moralidade. A cadeia de *Melun* e outras são dirigidas pelos mesmos principios. Portugal, quando reformou suas velhas e cançadas instituições, tambem tratou de melhorar as suas cadeias, e uma commissão zelosa do bem publico adoptou algumas medidas em beneficio de taes estabelecimentos. Mas o que fez não basta, que muito lhe resta a fazer ainda, e a aproveitar de tão dignos e poderosos exemplos.

P. M.

#### EPITOME DA VIDA DE LUIZ DE CAMÕES.

(Continuado de pag. 16.)

IMPELLIDO então o nosso poeta pelo desejo de não expôr a maior desar a reputação da sua amada; cançado de contratempos e injustiças, por se ver orfão de pai, que commandando uma nau naufragára junto a Gôa, e sobretudo desgostoso das injurias da côrte, resolveu passar á India. Não deixou porem o ninho patrio sem viva saudade, exclamando as palavras de Scipião. — *Ingrata patria, non possidebis ossa mea.* — Taes haviam sido os desgostos que nella soffrêra que lhe arrancaram esta amarga apostrophe!

Não encontrámos nos biographos particularidades algumas acerca dos amores do nosso poeta, nem sabemos os motivos porque rompeu tão doces laços e se expoz ás crueis penas de uma longa ou eterna separação. Vê-se porem pelos seus escriptos que a sua determinação era não voltar mais á patria, onde tão crueis dissabores havia experimentado.

Alistou-se pois de novo, e em 1553 embarcou na nau, que commandava Fernão Alvares Cabral, uma das quatro que compunham a esquadra que este fidalgo levára debaixo de suas ordens para a India. Um furioso temporal que sobreveio durante a viagem fez separar a esquadra e retardar tres das náus que a compunham, chegando sómente á India nesse anno, depois de haver soffrido muito pela tormenta, a nau S. Bento em que ia Luiz de Camões.

Era então governador dos Estados da India D. Affonso de Noronha, que por essas epochas apromptava uma expedição contra o rei de Chembé, ou da Pimenta, na costa de Malabar. O nosso heroe, ambicioso de gloria, assentou praça de voluntario nessa expedição militar, e nella com seus companheiros d'armas ganhou novos louros, sendo o rei de

Chembé completamente derrotado, e constringido a pedir pazes que se lhe concederam.

A insalubridade do clima fez grande estrago nos nossos valorosos portuguezes, que mui dizimados voltaram a Gôa, sendo Camões do numero dos que escaparam ás febres daquelle clima devastador. De volta com a expedição pouco descanso teve, porquanto havendo perdido o seu melhor amigo, D. Antonio de Noronha, morto ás mãos dos mouros em Tetuão, assim como seu tio o governador D. Pedro de Menezes, no combate junto a Ceuta, se augmentaram seus dissabores, e o levaram a tomar de novo o serviço logo que se lhe offerecesse occasião opportuna. Não tardou esta, porquanto no anno de 1555 succedendo D. Pedro Mascaranhas a D. Affonso de Noronha, deu commissão a Manuel de Vasconcellos de ir com uma armada cruzar na boca do Mar-Roxo, para esperar e combater as náus dos mouros. Offereceu-se Luiz de Camões para ir nesta expedição, mas a esquadra depois de pairar debalde defronte do cabo Guardafú até se lhe passar a monção, foi invernar em Ormuz no golfo persico. Alli passou o nosso poeta o inverno, que para elle não foi perdido em ocio vil, dando sua imaginação fecunda vivo colorido a tudo quanto via e ouvia, e inflammando-se cada vez mais seu peito em ardente patriotismo sobre os altos feitos portuguezes de que a India era então o theatro.

Voltando no anno seguinte a Gôa achou fallecido o vice-rei D. Pedro Mascaranhas, e substituido o seu logar por Francisco Barreto, homem altivo, fôfo e prepotente (1). A corrupção dos costumes, a sêde de ouro, e a ambição eram as feições characteristics do governo arbitrario de Barreto, que á similhaça dos despotas odeava os litteratos, e desprezava o saber. Luiz de Camões indignado contra os vicios predominantes, exhalou sua virtuosa indignação escrevendo aquella satyra que intitulou — *Disparates da India* — na qual com branda critica censurava a corrupção geral, sem comtudo particularisar os corruptores. Seu coração honrado, nobre, e desinteressado, mal podia deixar de sentir profundamente o quanto iam descendo, naquella parte do mundo, de nossos antigos brios e costumes, e inda menos deixar de reprehender com justa severidade a degeneração a que caminhavamos.

A nobre ousadia de Camões desagradou a Barreto, que irritado de ver censurados os vicios de que elle participava, tomou por pretexto certa satyra ridicula que então circulava em Gôa, e encabeçando-a em Luiz de Camões, que accusava de faltar ao respeito devido á auctoridade, abusou do poder de que lhe cumpria ter sido severo guarda, e desterrou o illustre vate para as ilhas Molucas.

Aggravou-se a sorte do nosso malfadado heroe com mais este golpe fatal, mas nem por isso seu magnanimo coração succumbiu no meio do não merecido infortunio, nem por offendido quiz desaggravar-se do prepotente governador que assim o maltratára.

Tres ou mais annos percorreu por Malaca, pelas Molucas, e por Macáu, cumprindo a pena deste

(1) Alguns escriptores e biographos pertendem, que Francisco Barreto era homem de grandes qualidades, liberal, bom soldado, bom governador no tocante aos negocios da guerra, e muito benemerito na India e Africa do rei e da patria. Accrescentam porem que era um pouco vão, e prompto a se resolver por mexericos. (Veja-se Diogo do Coito, e a Memoria do Sr. bispo, F. A. Lobo, que em outro logar citámos).

degrede, mas conservando sempre a lembrança de suas desventuras, que não menos a viva saudade daquella que constantemente amára. Por essa epocha acabou o vice-reinado do governador Barreto, [que seja dito em seu abono falleceu pobre] (2) e chegou a Góa D. Constantino de Bragança, succedendo em 1558 no governo das Indias. Este acontecimento deu lugar a Luiz de Camões de reclamar justiça, e o novo visor-rei, com quem havia antigos laços de amizade, lhe levantou a pena, e o nomeou provedor dos defuntos e ausentes em Macáu, com o fim de o empregar e de melhorar a sua condição. É tradição constante que passava muitas horas a trabalhar no seu Poema, e ainda hoje em Macáu, na quinta do conselheiro Manuel Pereira, se mostra uma gruta denominada de Camões, onde o nosso poeta ia trabalhar na sua composição, procurando naquelle sitio ameno e impenetravel aos raios do sol, entregar-se todo ao laborioso estudo que tanto amava (3). Alli foi passando o melhor tempo da sua vida, ao abrigo das precisões, a que podia satisfazer com os emolumentos do seu cargo, quando se lhe suscitaram desejos de voltar a Góa; de D. Constantino pôde obter a necessaria licença, e breve tratou de se embarcar com o mais crescido cabedal de que se viu senhor no decurso de sua vida.

Mas a sorte inimiga, que ainda não estava cansada de persegui-lo, tomou por empreza frustrar as mais bem concertadas esperanças de Luiz de Camões, e tornar em pezares as mais vivas alegrias; não quiz que elle fosse, diz o erudito Sr. Bispo de Vizeu, no tocante a teres e proveitos, mais venturoso do que em amores. O navio, em que se havia embarcado, padeceu triste naufragio na foz do rio Mecon, na costa de Camboja. Nesse naufragio perdeu elle tudo quanto possuía, podendo apenas sobre uma taboa salvar com a vida o seu mais precioso thesouro, o manuscrito do seu poema, que por fortuna e gloria nacional chegou á posteridade. Desse naufragio nos diz Barbosa Machado, fallando de Camões — «que se salvára em uma taboa com o seu divino poema, imitando a Julio Cesar, que no porto de Alexandria entrára levando em uma mão a espada, e em a outra os seus commentarios.»

Em 1561 chegou a Góa, com esta unica riqueza que tanto serviu para sua e nossa fama, e grato se amostrou para com o governador, a quem devêra o bem-estar e tranquillidade de que gozára durante o tempo do seu excellento governo, que em tudo, conforme os historiadores, fôra o opposto do de seu ruim predecessor. Não continuou porem por muito tempo a momentanea tranquillidade que desfructára Luiz de Camões, porquanto D. Constantino foi chamado á côrte deixando o governo a seu successor o conde de Redondo, que posto amigo e favorecedor do poeta não pôde impedir que inimigos ciosos do seu merito, homens malevolos, o accusassem de malversações na administração da provedoria de Macáu. Foi posto em juizo e encarcerado, e quando estava para sahir innocente e puro da accusação, as portas da prisão se lhe fecharam

(2) Fr. Manuel dos Santos diz, que F. Barreto dera a alma a Deus, em uma casa de palha, sem se achar em seu escriptorio, nem em seu poder, um cruzado para as suas exequias! Foi morrer sem gloria nos inhospitos sertões da Africa, junto ás ribeiras do rio Cuama, e em tamanho aperto, que até teve escasso logar para ser sepultado em uma pobre e solitaria ermida das visinhanças.

(3) Vid. uma estampa deste retiro, da maneira que hoje é conservado a pag. 39 do 1.º vol. da Serie primeira.

por embargo que lhe poz um cidadão de Góa, chamado Miguel Rodrigues Coutinho, que se disse seu credor pela somma de duseiscentos cruzados. Por essa occasião valeu-se do vice-rei, e com dignidade lhe pediu o desembargasse, o que este fez com grande nobreza d'alma.

Livre da prisão continuou na India embarcando-se nos verões para servir nas armadas, e entregando-se nos invernos ao estudo e ás suas composições. No serviço militar distinguio-se não menos do que nas lettras, e assim ficou em Góa por algum tempo até que aconteceu morrer o conde de Redondo, succedendo-lhe D. Antão de Noronha no governo da India. Segundo pudémos colligir das diversas noticias biographicas que temos diante de nós, o nosso malaventurado vate soffreu por esse tempo o golpe mais sensivel que sua alma elevada podia experimentar. D. Catharina de Attayde falleceu na patria, deixando Luiz de Camões entregue á mais pungente dôr, pois nesta tão duradoura affeição punha elle suas ultimas e mais charas esperanças.

Havia por essa epocha acabado o seu Poema, e cheio de desgostos sem ter cousa que o prendesse aos Estados da India, onde experimentára os vaivens da caprichosa fortuna, resolveu passar ao reino, a fim de buscar socego e independencia, e offerecer á patria a sua composição que tanta honra lhe devia dar um dia, e que tão mal recompensada fôra então. Cheio deste projecto andava buscando os meios que lhe faltavam para effectuar a viagem, quando a sua má estrella lhe deparou a Pedro Barreto, governador nomeado para Sofala, o qual lhe propoz o acompanhasse fazendo-lhe mil promessas enganadoras (4). Pedro Barreto era daquelles homens sordidos, que de tudo sabem tirar partido, e na offerta aparentemente generosa que havia feito a Camões levava a mira em o tornar totalmente seu dependente, e em medrar á sombra da fama litteraria que o nosso poeta já então merecia. A Moçambique aportaram Camões e o indigno Pedro Barreto, e alli ficou o primeiro naquella inhospita terra por algum tempo sem amigos, nem protectores, reduzido á maior miseria sem poder proseguir em sua viagem, porque a isso obstava seu iniquo credor.

[Continuar-se-ha.]

PRUDENCIA é o temor rasoavel das consequencias, que as nossas acções podem ter. — Compara-se o homem de grandes talentos, mas falto desta virtude, ao Polyphemo da fabula, que robusto mas cego não pôde, por falta de vista, fazer uso da sua força.

SOMOS escravos das leis [dizia um jurisconsulto romano] para podermos ser livres.

SEJAMOS bons, e depois seremos felizes: não queiramos o premio antes da victoria, nem o salario antes do trabalho. — *Rousseau.*

(4) Este facto que alguns escriptores não acreditam, e os subsequentes a respeito de Pedro Barreto, é narrado por muitos outros dignos de credito, entre estes Pedro Mariz, e o Morgado de Matheus, tão excellento litterato como atilado critico.

#### ERRATA.

N.º 56, pag. 20, lin. 48 — presto — perto.